

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i32.862>

JORNAL PACOTILHA: uma voz pela modernidade fin-de-siècle em São Luís¹

PACOTILHA NEWSPAPER: a voice for fin-de-siècle modernity in São Luís

PERIÓDICO PACOTILHA: una voz para la modernidad fin-siècle en São Luís

MARCOS FÁBIO BELO MATOS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0655-0332>

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara

Professor do Curso de Jornalismo do CCSST (UFMA-Imperatriz)

marcosfmatos@gmail.com

Resumo: O estudo de caso apresentado neste texto demonstra como o jornal *Pacotilha* se transformou num dos mais importantes defensores da modernidade de São Luís, em fins do século XIX. Importante jornal ludovicense, *Pacotilha*, em suas páginas, registra o verdadeiro contexto da introdução dos artefatos de modernidade que chegavam na pequena capital do Maranhão. E, por isso, torna-se um documento primordial para todos aqueles que pretendem compreender o cenário da cidade nessa época, de leitura indispensável para construção de análises mais amplas.

Palavras-chave: Jornalismo. *Pacotilha*. São Luís. Modernidade.

Abstract: The case study herein presented demonstrates how the *Pacotilha* newspaper became one of the most important defenders of modernity in São Luís by the end of the 19th century. In its pages, *Pacotilha*, an important newspaper from São Luís, registers the true context of the introduction of modernity artifacts that arrived in the small capital of Maranhão. Therefore, it is an essential document for all those who intend to understand the city's scenario at that time, an indispensable reading for constructing broader analyses.

Keywords: Journalism. *Pacotilha*. São Luís. Modernity.

Resumen: El estudio de caso presentado en este artículo demuestra como el Periódico *Pacotilha* se ha transformado en uno de los más importantes defensores de la modernidad de São Luís, a finales del siglo XIX. Reconocido periódico ludovicence, *Pacotilha*, en sus páginas, se registra el contexto real de la introducción de los artefactos de modernidad que llegaban a la pequeña capital de Maranhão. Y, por eso, que él se convierte en el documento principal para todos aquellos que tienen la intención de comprender el escenario de la ciudad en este momento, y de lectura imprescindible para la construcción de un análisis más amplio.

Palabras clave: Periodismo. *Pacotilha*. São Luís. Modernidad.

Introdução

O jornal *Pacotilha*² é um dos mais longevos exemplos de jornais maranhenses. Sua publicação tem início em 1880, com formato de quatro páginas. Em 1881, teve suas

¹ Estudo de caso submetido à avaliação em abril de 2021 e aprovado para publicação em junho de 2021.

Outros Tempos, vol. 18, n. 32, 2021, p. 398-407. ISSN: 1808-8031

atividades suspensas por quatro meses (de 23 de janeiro a 10 de abril), para ajustes. Logo depois, reabre já com tiragem diária, com seis edições por semana. Já no século XX, também teve suas atividades interrompidas entre 1931 e 1934, sendo retomado depois até 1938, quando finalmente deixa de existir. Entre idas e vindas, contou 58 anos de existência, cruzou os séculos e foi um dos registradores e divulgadores midiáticos da transformação pela qual passou a capital do Maranhão.

Foi também um jornal inovador, destacando-se como o primeiro jornal diário do Maranhão.

Sua fundação, como faz parte do *modus operandi* da imprensa (local e nacional), teve uma vinculação política: “O jornal A Pacotilha foi fundado em 1880 por Victor Lobato e dirigido durante muitos anos por Agostinho Reis. Surgiu com o objetivo de intensificar ainda mais os embates com o jornal Civilização, fortalecendo o, já provocativo, periódico O Pensador” (FONSÊCA; UCHÔA; CARVALHO; FERREIRA, 2008, p. 12).

Esse embate estava ligado à defesa de pessoas, mas principalmente de ideias, já que *Pacotilha* se identificava como “[...] voz crítica, não só da política e dos políticos maranhenses, mas também dos costumes locais e da posição da igreja frente aos desenvolvimentos científicos e sociais da época” (MENDONÇA, 2013, p. 348).

E é justamente por essa sua postura defensora da ciência e da modernidade que este estudo de caso se debruça sobre o jornal, para mostrar como ele se transformou numa importante vitrine para as novidades que chegavam a São Luís, no limiar do século XX.

Trazer a metodologia do estudo de caso é poder olhar para um objeto (neste caso, o próprio jornal) de forma mais acurada, mais individualizada, ressaltando a sua importância como documento histórico para a construção de cenários mais amplos, como a descrição de uma sociedade num determinado período de tempo. Nas palavras de Fonseca (2002, p. 33), essa técnica: “Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico”.

Também não menos importante é considerar o jornal, neste estudo de caso, com a condição do que Marialva Barbosa (2016, p.14) identifica como “lugar de testemunho”:

Portanto, os meios de comunicação de maneira geral, sobretudo nas narrativas com pretensão a atestar a fidedignidade do que efetivamente se passou, produzem uma articulação textual baseada na noção de testemunho. Assim, os textos jornalísticos, por exemplo, devem mostrar a presença de um

² Jornais pesquisados: *Pacotilha*, São Luís, edições de 1891, 1895, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912.

sujeito real no desenrolar dos acontecimentos (seja o próprio jornalista ou outros que assumem o papel de testemunhas), confrontar o que é dito entre várias testemunhas e, por fim, colocar em cena o contraditório (opiniões e visões divergentes, no pressuposto de que se deve ouvir os vários lados dos envolvidos na trama para produzir um texto com pretensão à isenção). A partir do nível declaratório do testemunho, produzem uma versão do acontecimento com pretensão a ser desde a sua construção uma espécie de arquivo para a história. Portanto, se pudesse ser feita algum tipo de generalização, o que os meios de comunicação fazem é produzir uma memória presumidamente válida e comum, inserindo-a na história e não na memória.

É dessa forma que este estudo encara *Pacotilha* como um registro do presente de uma época envolta num espírito de modernidade, que ficou registrado em suas páginas e que serve hoje para importantes estudos de construção de cenário social.

O jornal *Pacotilha* no cenário da imprensa ludovicense

A imprensa do Maranhão, que teve sua fundação, oficialmente, em 15 de abril de 1821, com o jornal *O Conciliador do Maranhão* (JORGE, 2006; SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2007; GALVES, 2015; GALVES, BASÍLIO, PINTO, 2019), a princípio, de forma manuscrita e, a partir de 15 de novembro desse mesmo ano, já em impressão tipográfica (JORGE, 2006), cruzou todo o século XIX como uma atividade pulsante, multifacetada, combativa e numericamente importante para a capital e o estado. São numerosos os registros de jornais, muitos de vida efêmera, que fizeram parte do conjunto da imprensa maranhense, como registra Pinheiro (2007, p. 5): “Entre 1821 e 1979, o Norte [do estado do Maranhão] registrou 397 impressos, tendo São Luís concentrado quase a totalidade, com 355 títulos, e as demais localidades 42 periódicos”.

O cenário em que o periódico *Pacotilha* nasce e se desenvolve já tinha deixado para trás uma imprensa com mais características de pasquim, que foi bastante popular, na primeira metade do século XIX (JORGE, 1998), e também se despedia de uma imprensa de natureza mais literária (MARTINS, 2010), bastante popular em São Luís até o terceiro quartel do século XIX (GADINI, REIS, 2015; ZIN, 2018), depois arrefecida com a própria decadência econômica. O jornal estaria localizado após o que Castro e Santos (2020, p. 6) denominam de “fase de avanço”.

A partir de 1880, quando surge o jornal, São Luís está iniciando o movimento de estruturação do seu parque fabril, no processo que viria a ser denominado por Fran Paxeco de “desinteria fabriqueira” (PAXECO, 1922) e por Jerônimo Viveiros de “loucura industrial”

Outros Tempos, vol. 18, n. 32, 2021, p. 398-407. ISSN: 1808-8031

(VIVEIROS, 1954), quando a cidade ostentou nada menos de 27 fábricas. Nessa época, São Luís adquiriu o epíteto de “Manchester do Norte” (MATOS, 2002).

É nesse período que ocorre o momento da chegada da modernização para muitas áreas, também para a imprensa, no Maranhão e no Brasil. É uma das principais características desse tipo de imprensa, que tentava ser mais profissional, era a presença da informação, a identificação da opinião separada da informação e das notícias, e a ideia do jornal como produto de valor industrial. Tudo isso pode ser visto nestes trechos de apresentação do jornal, na edição número 1, selecionados por Sebastião Jorge (2008, p. 331):

A Pacotilha é para o jornalismo o que são para o comércio os mascates – negociantes ambulantes que levam no espaço de uma caixa portátil tudo quanto o freguês possa exigir, desde a chita até o botão para a camisa, desde o chapéu até o carrinho de linha.

A Pacotilha, pois, não tem programa, nem opinião, nem artigo de fundo – é a imprensa a retalho, miúda, sortida e variada. Não vai esgueirar-se de madrugada pela fresta da porta dos assinantes, a espera que a venha levantar o leitor ávido de ler em jejum as discussões políticas, as denúncias – para Sua Excelência o Senhor Presidente da Província ver e providenciar -, os noticiários de operações cirúrgicas e listas de passageiros, o obituária e o movimento do porto; há de sair à Rua debaixo do braço de um distribuidor esperto, à hora em que estiverem as casas abertas e as Ruas cheias, à disposição de quem tiver tido uns cobres vadios para assiná-los – se é que o dinheiro é vadio, contendo um pouco de cada coisa para distrair o espírito, sem pretensões a ensinar, sem palmatória de censura, sem especialidade, distribuindo aos pedacinhos, em forma de pílulas, notícias, anedotas, receitas, contos, romances, versos, tudo!

[...] A Pacotilha não tem redação, motivo de sobra para abrir-se à colaboração de todos.

[...]

E dito isto, aí vai a Pacotilha, pequena, humilde, bem criada, cumprimentando a direita e a esquerda, tanto aos ilustres membros do jornalismo, sem distinção de cor política e de opinião, como todos aqueles que tiverem a bondade de assiná-la e de lê-la, e até mesmo sem assinatura.

Era uma apresentação que tentava trazer o espírito do tempo de um jornalismo mais afeito ao modelo industrial-empresarial, que então ia se disseminando pelo país (OLIVEIRA, 2011), identificado com a informação e a notícia, com a definição de espaços para a opinião, com a colaboração dos leitores, com a variedade temática e dissociado daquele jornalismo que se fazia no início da atividade da imprensa no estado, de ataques virulentos pelos pasquins, de textos apócrifos ou sob pseudônimo, em que, na maioria dos casos, era repleto apenas de serviço, anúncios e debate de ideias políticas.

É com esse espírito que o jornal vai tentar atravessar para o século XX.

Radiografia do jornal

Para entender melhor a *Pacotilha*, convém conhecer a sua estrutura. E quem a caracteriza é o professor Sebastião Jorge que, no seu livro *Imprensa no Maranhão no século XIX (1821-1900)*, dedica-lhe um capítulo. Por meio de seu livro, sabemos que o jornal iniciou sendo diagramado com três colunas, com 7 cm cada, no tamanho tabloide, mas depois mudou a sua paginação para 6 colunas. No começo, saía duas vezes por semana, sendo posteriormente de circulação diária, devido ao sucesso alcançado entre os leitores. Sua tiragem começou com mil exemplares, depois ampliou-se para mil e quinhentos e, por fim, para dois mil exemplares.

Como conteúdo, a *Pacotilha* abordava assuntos gerais, fazia publicações de notícias de outros jornais, dando-lhes o devido registro e também publicava romances na seção *Folhetim*, espaço ainda ocupado por “[...] poesias, versos, arte, crítica literária, arte, teatro comentários de livros e outras notícias” (JORGE, 2008, p. 333).

Na primeira página, vinham os anúncios ocupando todo o espaço. Anúncios de tudo:

Os anúncios eram muitos e variados. Preenchia (sic) toda a primeira página, como: assinatura do jornal, a 3\$000 por trimestre e o número avulso 40 réis; anúncios até cinco linhas grátis para assinantes; correspondência de interesse particular, 20 réis por linha; empresas de navegação, fotografia feita pelo sistema de porcelana, chapéus de homens e mulheres de todo tipo e qualidade, luvas, perfumes, cortes de gorgorão, cotações de produtos da praça, boné, *marchê*, escravos para venda, compra e aluguel, costureira, liquidação de banha de porco, artigos de luto, serviços de parteiras, ama de leite, palitos franceses, cartões de loteria, filó, chá inglês, cortinados, cerveja marca onça, luvas, meias finas, sapatos de seda. [...] Trazia, ainda, anúncios de remédios: [...]. Da pauta de exportação do Maranhão constavam: açúcar, café, algodão, farinha, mel, goma, couro seco, carne, milho, feijão, azeite, redes, fazendas, chapéus, móveis. *Mensagens de amor*. (JORGE, 2008, p. 333-334, grifos do autor).

O periódico trazia ainda uma coluna de entretenimento, com charadas e perguntas com prêmios para quem as acertasse. Afirma também Jorge (2008) que o jornal realizava *media criticism*, dentro da coluna *Jornais*, criticando os demais jornais e a própria folha (o que, atualmente, seria a função do *ombudsman* que alguns veículos possuem).

Outros Tempos, vol. 18, n. 32, 2021, p. 398-407. ISSN: 1808-8031

Também foi o jornal por onde circularam os nomes importantes da inteligência de São Luís, como: Aluízio Azevedo, Dunshee de Abranches, Magalhães de Almeida, Nascimento de Moraes, Fran Paxeco, dentre outros.

Em seu meio século de vida, a *Pacotilha* teve vários endereços; interrompeu sua circulação, perfazendo hiatos; posicionou-se contra a escravidão e a favor das novas ideias; e, ainda, tentou adaptar-se aos novos tempos. É ainda Sebastião Jorge quem lhe faz uma avaliação final:

Essa a história do jornal Pacotilha, que soube fazer e impor a sua história, com muita competência, sem dúvida pela influência do seu corpo editorial, com um grupo de jornalistas brilhantes, e, que nenhum outro jornal, tanto no século XIX, como no seguinte, conseguiu reunir. [...] Foi o mais vendido e prestigiado. Sofreu muitas interrupções por questões políticas e financeiras, mas nunca se deixou abater. Houve muitos diretores e chefes de redação. Nada o afetava. [...] Sempre teve os melhores jornalistas [...] (JORGE, 2008. p. 342).

Pedagogo da modernidade

Desde que lançou seu primeiro número, a *Pacotilha* sempre foi um jornal identificado com o que vinha para São Luís embrulhado com o rótulo de moderno. Como vimos, já na sua carta de intenções e de apresentação, seus editores tentavam afastá-lo daquele modelo de jornalismo praticado nas primeiras décadas em São Luís, de impressos distribuídos “de madrugada pela fresta da porta dos assinantes”. E isso se refletiu na cobertura do que chegava à capital, que então passava por um processo de transformação geográfica, social, econômica e cultural.

A *Pacotilha* cobriu a instalação, a partir de 1888, das fábricas pela cidade, registrando em suas páginas, como no caso da Fábrica de Tecidos Rio-Anil:

Uma era de prosperidade para a Pátria Maranhense que de há certo tempo para cá vai despertando do marasmo, da indiferença em que permaneceu longos anos, da atrofia, com o organismo depauperado pelos vícios da escravidão.

As fábricas surgem de toda a parte e com elas o despertar de uma vida nova, cheia de atividades, urgida pelo progresso, prometendo-nos um futuro bonançoso que compense a esterilidade do passado.

O dia de amanhã [do lançamento da pedra] ficará para sempre nos anais do nosso Estado³.

Também destacou, quatro anos depois, a chegada do telégrafo ao jornal:

³ *Pacotilha*, São Luís, 23 ago. 1891.

A necessidade de um serviço telegráfico nesta capital, onde só temos conhecimento dos factos, ainda os mais importantes, que se dão na capital Federal e nos Estados, pelas transcrições de outros jornais, era de há muito sentida.

Procurando melhor servir o publico e fazer cessar essa como segregação a que estavamos condenados, resolveu a Pacotilha contratar um serviço telegraphico, relativo não só ao Brazil, mas ainda aos factos notaveis do exterior. Esse serviço será diário, e far-se-ha com a possivel regularidade e presteza⁴.

Era então São Luís uma cidade recebedora de importantes novidades tecnológicas, que seriam divulgadas pela imprensa local. Pelo porto, chegaram: em 1861, a iluminação a gás; em 1866, a mecanização dos jornais; em 1871, os primeiros quilômetros de trilhos para os bondes puxados a burro; em 1884, o primeiro telégrafo terrestre; em 1890, os primeiros aparelhos telefônicos; em 1895, a luz elétrica e todo o encanto que causou o seu efeito; em 1898, o cinematógrafo, por meio do Cronofotografo de Dèmeny, primeira máquina a dar espetáculos para a população local; em 1901, o velódromo para as corridas de bicicletas e a instalação do primeiro serviço de combate ao fogo, embrião do Corpo de Bombeiros. É desse período também a chegada das máquinas de costura, do automóvel e do fonógrafo. E, em 1902, estavam em ação as obras de “aformoseamento” da Praça João Lisboa e do Largo do Carmo (MATOS, 2002).

Cabe, ainda, destacar a chegada de ideias e concepções consideradas modernas, como o positivismo, o protestantismo, o trabalho assalariado e o ensino feminino, que eram discutidas pelos jornais.

A *Pacotilha* fazia parte de um conjunto de veículos que se pode chamar, conforme Martins (2006), de grande imprensa em São Luís, constituído pelos seguintes jornais: *Diário do Maranhão*, *O Federalista*, *O Imparcial*, *O Combate*, *A Hora*, *O Jornal*, *Diário de São Luís*. Os demais periódicos tinham natureza mais artesanal, baixas tiragens e geralmente existência efêmera. É a mesma divisão que apresenta Nelson Werneck Sodré (1966), que divide os períodos da imprensa brasileira em artesanal (colonial, independência, pasquins, império) e industrial (grande imprensa). Na virada do século, a *Pacotilha* registrava tiragem de dois mil exemplares⁵.

Todos esses grandes jornais, em maior ou menor medida, eram propagadores de uma “ideologia da modernidade”. E, é preciso destacar, junto com eles, também as revistas,

⁴ *Pacotilha*, São Luís, 30 abr. 1895.

⁵ Essa tiragem representa 5,43% da população, se considerarmos que, em 1900, São Luís possuía, de acordo com o recenseamento, 36.798 habitantes (SALGADO FILHO, 2019).

Outros Tempos, vol. 18, n. 32, 2021, p. 398-407. ISSN: 1808-8031

como por exemplo, a *Revista Elegante* (1892-1905) e a *Revista do Norte* (1901-1906), com sua riqueza de ilustrações (SILVA; FERREIRA JÚNIOR, 2018)⁶.

Em diversas ocasiões, o jornal fazia mesmo as vezes de “pedagogo da modernidade”, como neste trecho em que apresenta para a sociedade o Pantoscópio, espécie de irmão mais velho do cinematógrafo, que visitou São Luís em 1897:

O Pantoscopio

Eil-o instalado ali ao largo do Carmo n.7, o <Pantoscopio Automatico>, e eis ahí o povinho a accorrer nesta direção curioso, aneando por ver tanta coisa de embasbacar que há pelo mundo afora.

[...]

Curioso a valer o Pantoscopio, de sorte que quem o viu uma vez, volta a vel-o⁷.

Enquanto viveu, a *Pacotilha*, na maioria das vezes, registrou positivamente o desenvolvimento moderno da capital do Maranhão, deixando em suas páginas preciosos registros de como a sociedade maranhense conviveu com todas essas novidades, principalmente, na entrada do novo século. Além disso, contribuiu de forma pedagógica para que essa sociedade aprendesse a conviver com tantas novidades, função desses meios de comunicação identificada por Barbosa (1997) também no Rio de Janeiro finissecular.

Considerações finais

Muitos aspectos haveria ainda a considerar em uma análise mais aprofundada do jornal *Pacotilha* para dar a devida dimensão da sua importância no cenário da imprensa maranhense *fin-de-siècle*, objetivo que não cabe neste estudo de caso, mas que pode ser levantado em outras ações de pesquisa, como por exemplo: a quantidade e a qualidade das mudanças técnicas que o jornal empreendeu; a contribuição efetiva dos intelectuais que fizeram parte da história do periódico; o seu engajamento em causas como a abolição, o anticlericalismo, a república; o seu papel como representante de uma imprensa mais industrial, empresarial. São muitas questões que podem ter o jornal como documento de base de pesquisa.

Para os propósitos deste texto, fica evidente que a *Pacotilha* atuou para a consolidação de uma concepção moderna de cidade que São Luís tomou a partir das duas

⁶ É o que identifica Marialva Barbosa, em *História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900*, quando escreve: “[...] uma série de mudanças, capitaneada pela ideia de modernização compulsória que invadia todos os poros da sociedade, também se fez sentir nos periódicos mais importantes” (BARBOSA, 2010, p. 14).

⁷ *Pacotilha*, São Luís, 7 dez. 1897.

Outros Tempos, vol. 18, n. 32, 2021, p. 398-407. ISSN: 1808-8031

últimas décadas do século XX, descrevendo invenções e suas utilidades, elogiando fábricas, aparelhos, discutindo os benefícios da maquinaria que a cidade recebia – da luz elétrica ao Pantoscópio, do velódromo ao cinematógrafo.

O periódico *Pacotilha* fica para a história da imprensa como um grande “pedagogo” da modernidade na capital do Maranhão.

Referências

Jornais

Pacotilha, São Luís, 23 ago. 1891.

Pacotilha, São Luís, 30 abr. 1895.

Pacotilha, São Luís, 7 dez. 1897.

Bibliografia

BARBOSA, Marialva. Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). *Intercom*, v. 20, n. 2, p. 87-102, jul./dez. 1997.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil -1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

CASTRO, César Augusto de Castro; SANTOS, Amaury Araújo. Belarmino de Mattos: o Didot da imprensa maranhense no Império. *Rev. Dig. Bibliotec e Ci. Info*, Campinas, SP, v.18, p. 1-18, 2020.

FONSÊCA, Natália Raposo da; UCHÔA, Valéria Romano; CARVALHO, Bruna Sampaio de; FERREIRA, Guida Mendonça Figueiredo. Aluísio Azevedo e a imprensa maranhense do século XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. *Anais [...]*, Natal, 2008, p. 1-15.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GADINI, Sérgio Luiz; REIS, Thays Assunção. Em busca de uma história do jornalismo cultural no Maranhão. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. *Anais [...]*, Porto Alegre, 2015, p. 1-15.

GALVES, Marcelo Cheche. “*Ao público sincero e imparcial*”: imprensa e independência na província do Maranhão (1821-1826). São Luís: Café & Lápiz; Editora Uema, 2015.

GALVES, Marcelo Cheche; BASÍLIO, Romário Sampaio; PINTO, Lucas Gomes Carvalho. *Vendem-se impressos a preços módicos na cidade do Maranhão*. São Luís: Editora Uema, 2019.

Outros Tempos, vol. 18, n. 32, 2021, p. 398-407. ISSN: 1808-8031

JORGE, Sebastião. *A linguagem dos pasquins*. São Luís: Lithograf, 1998.

JORGE, Sebastião. A censura na imprensa do Maranhão. *Revista Cambiassu*, São Luís: UFMA, v. 16, n. 2, p. 75-89, jan./dez. 2006.

JORGE, Sebastião. *A imprensa do Maranhão no século XIX (1821-1900)*. São Luís: Lithograf, 2008.

MATOS, Marcos Fábio Belo. *...e o cinema invadiu a Athenas: a história do cinema ambulante em São Luís*. São Luís: FUMC, 2002.

MELO, José Marques de. *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2003.

MENDONÇA, Edinamária. Da posição-sujeito às tomadas de posição: o jornal Pacotilha no contexto das comemorações do tricentenário da fundação de São Luis, capital do Maranhão. In: CARVALHO, Gisele; ROCHA, Décio; VASCONCELLOS, Zinda (org.). *Linguagem: teoria, análise e aplicações*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras / UERJ, 2013. p. 344-355.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). *Historiæ*, Rio Grande, v. 2, n. 3, p. 125-142, 2011.

PAXECO, Fran. *Geografia do Maranhão*. São Luís: Tipografia Teixeira, 1922.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Um mapa da difusão do jornalismo maranhense nos séculos XIX e XX. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. *Anais [...]*, São Paulo: INTERCOM, 2007. p. 1-18.

SALGADO FILHO, Natalino. *A reorganização do serviço sanitário do Maranhão no início do século XX*. São Luís: Edufma, 2019.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. *Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite*. São Luís: Edições Secma, 2007.

SILVA, Amanda da Silva, FERREIRA JÚNIOR, José. A Imprensa Ilustrada Maranhense: a Revista do Norte (1901-1906). In: ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2018, Recife. *Anais [...]*, Recife, 2018, p.1-14.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VIVEIROS, Jerônimo de. *História do comércio do Maranhão: 1612-1895*. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954. v. 2.

ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e a imprensa literária no Maranhão do século XIX. *Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)*, São Luís, v. 4, n. especial - dossiê temático, p. 15-27, 2018.